

PERMANÊNCIA E CENTRALIDADE DA ESCRITA BIOGRÁFICA NA HISTORIOGRAFIA PARAGUAIA: DUAS BIOGRAFIAS RECENTES DE ELISA ALICIA LYNCH E FRANCISCO SOLANO LÓPEZ COMO ESPELHOS DE UMA BIOGRAFIA NACIONAL

Permanence and centrality of biographical writing in Paraguayan historiography: two recent biographies of Elisa Alicia Lynch and Francisco Solano López as mirrors of a national biography

Marcela Cristina Quinteros*
Vera Lúcia Nowotny Dockhorn**
Ana Paula Squinelo***

Recebido em: 05/06/25
Aprovado em: 30/08/25

Resumo: Elisa Alicia Lynch e Francisco Solano López são dois personagens que atravessam boa parte da escrita da história do Paraguai, contribuindo à construção de uma identidade nacional na medida em que, no século XX, foram consagrados como heróis nacionais. Como máxima autoridade política e militar de seu país, López liderou as forças paraguaias no desenvolvimento da Guerra contra a Tríplice Aliança até seu decesso em 1870. Sua companheira Lynch, uma irlandesa que o sobreviveu, mas com quem nunca contraiu matrimônio legalmente, foi testemunha das primeiras biografias escritas sobre o casal. Desde então, vários foram os escritos biográficos que forjaram imagens, ideias e estereótipos sobre ambos personagens. Essas imagens oscilam entre extremos

* Doutora em História Social (USP), Professora Adjunta da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), marcela.quinteros@unir.br, <https://orcid.org/0000-0001-8376-947X>.

** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – Profhistória (UFMT) e Mestre em Ensino de História (UFMT), Professora da educação básica do Estado de Mato Grosso; veralcia.nowotny@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-5495-6134>.

*** Doutora em História Social (USP), Professora Titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), ana.squinelo@ufms.br, <https://orcid.org/0000-0003-4490-5111>.

completamente opostos que, ora os apresentam como heróis pátrios, ora como vilões. Nesse sentido, o artigo propõe-se analisar duas biografias imbricadas no tempo presente e que revisitam essas duas personagens, sendo elas: *Elisa Alicia Lynch: La madame en su contexto*, escrita por Anahí Soto Vera e Paola Ferraro, e *Francisco Solano López: El sino trágico*, de Bernardo Neri Farina, publicadas em 2020 como parte de uma coleção sobre os *Protagonistas de la Guerra Guasu*.

Palavras-chave: Elisa Alicia Lynch; Francisco Solano López; Biografias.

Abstract: Elisa Alicia Lynch and Francisco Solano López are two figures who permeate much of Paraguay's historical writing, contributing to the construction of a national identity to the extent that, in the 20th century, they were consecrated as national heroes. As his country's highest political and military authority, López led the Paraguayan forces in the War against the Triple Alliance until his death in 1870. His partner, Lynch, an Irishwoman who survived him but with whom he never legally married, witnessed the first biographies written about the couple. Since then, numerous biographical writings have forged images, ideas, and stereotypes about both characters. These images oscillate between completely opposite extremes, sometimes presenting them as national heroes, sometimes as villains. In this sense, the article proposes to analyze two biographies intertwined in the present time and that revisit these two characters, namely: *Elisa Alicia Lynch: La madame en su contexto*, written by Anahí Soto Vera and Paola Ferraro, and *Francisco Solano López: El sino trágico*, by Bernardo Neri Farina, published in 2020 as part of a collection on the *Protagonistas de la Guerra Guasu*.

Keywords: Elisa Alicia Lynch; Francisco Solano López; Biography.

Introdução

A consagração de alguns personagens como heróis nacionais – em detrimento de outros que ficam “esquecidos” – nas histórias latino-americanas atravessou diferentes fases, desde os processos independentistas até os dias atuais. Sucessivos movimentos de tensão e confronto foram consolidando os Estados nacionais e, junto com eles, a escrita das histórias “nacionais” foi o campo de batalha por excelência para a definição de quais seriam os sujeitos que

integrariam o panteão dos heróis “nacionais” e a liturgia cívica que reforçaria uma identidade nacional.¹

38 | As biografias desses personagens heroicizados formam parte da escrita da história de cada país latino-americano. Longe de ser um trabalho concluído, os biógrafos continuam se debruçando sobre diversos aspectos da vida dos biografados, perspectivas metodológicas e novidades que trazem olhares diferentes, segundo o enfoque, o pertencimento socioeconômico e político dos autores, bem como informações sobre o momento em que as biografias foram escritas.

Assim, esses personagens selecionados e consagrados como heróis nacionais convocam seus biógrafos uma e outra vez para reescreverem suas histórias de vida, tão admiradas por uns quanto odiadas por outros. As controvérsias que giram em torno de determinadas figuras do passado indicam disputas e apropriações que falam mais do presente dos biógrafos do que dos biografados.

Essas disputas são particularmente intensas e sempre atuais, nas infindáveis biografias dos grandes heróis e heroínas da história paraguaia, especialmente quando se refere à principal figura heroica, Francisco Solano López (1827-1870), artífice da “defesa da pátria até a morte” na Guerra do Paraguai contra a Tríplice Aliança (1864-1870)², junto com sua companheira Elisa Alicia Lynch (1833-1886).

¹ O presente artigo configura-se em parte dos resultados das investigações e discussões desenvolvidos no âmbito do Projeto de Pesquisa intitulado *As múltiplas faces do "tirano" e de sua "concubina": Francisco Solano López e Elisa Alicia Lynch nos relatos memorialísticos, nas narrativas didáticas e nas produções acadêmicas em uma perspectiva comparada (Brasil e Paraguai)* e vinculado ao Grupo de Pesquisa Historiografia e Ensino de História: Diálogos em Trânsito (HEH/CNPq).

² Para evitar a repetição, utilizamos as diversas denominações dadas à guerra entre o Paraguai e a Tríplice Aliança (Argentina, Brasil, Uruguai), no século XIX, como se fossem sinônimos. Entretanto, não podemos deixar de advertir ao leitor que o conflito é nomeado de inúmeras formas: Guerra do Paraguai, Guerra Guasu, Guerra da Tríplice Aliança, Guerra Grande, Grande Guerra, Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, Guerra dos 1870, e que a opção por uma das terminologias não nos exime de problematizar e contextualizar a mesma, tendo em vista que a própria denominação do conflito “é alvo de inúmeras manipulações, divergências e disputas político-ideológicas e por si só já mereceria ser objeto de pesquisas” (DOCKHORN;

Segundo Francisco Doratioto (2002, p. 80), a construção do López herói teve sua origem no final do século XIX, como resposta à necessidade de recuperar a autoestima nacional comprometida por um “sentimento de inferioridade em relação às outras nações” em decorrência da derrota bélica que afetou substancialmente a economia e a sociedade paraguaias. Desse modo, a criação de heróis com supostos valores nacionais serviu de exemplo patriótico e de coragem para uma população descrente. Esse movimento revisionista ficou conhecido como lopizmo.

Em 1936, López tornou-se oficialmente herói nacional, após pouco mais de três décadas de sistemático resgate de sua figura na opinião pública – através dos jornais – e entre os setores populares – especialmente através da música. Nas décadas seguintes, sua imagem passou a ser explorada como forma de legitimar os regimes de Rafael Franco (1935-1936), Higinio Morínigo (1940-1948) e, em particular, o de Alfredo Stroessner (1954-1989). Foi durante o governo deste último que, segundo Doratioto (2002, p. 86), o lopizmo se tornou “onipresente”.

O historiador brasileiro segue o raciocínio do escritor paraguaio Guido Rodríguez Alcalá que, em 1987, publicou *Ideologia Autoritária* para explicar como teria sido gestado o autoritarismo paraguaio durante as presidências de José Gaspar Rodríguez de Francia (1814-1840), Carlos Antônio López (1844-1862) e Francisco Solano López (1862-1870), e perpetuado por um dos generais sobreviventes da Guerra Guasu, Bernardino Caballero que foi presidente do Paraguai (1880-1886) e fundador do Partido Colorado (*Asociación Nacional Republicana*). A obra, escrita nos últimos anos do stronismo, tentava demonstrar os mecanismos utilizados por intelectuais, políticos e militares do século XX que progressivamente se apropriaram e ressignificaram a figura de López como abandeirado da identidade corajosa do povo paraguaio. O autor destaca como

SQUINELO, 2021, p.13) e, também, como salienta o historiador uruguaio Tomás Sansón, a “polissemia nominativa utilizada para referi-la – Guerra da Tríplice Aliança, Guerra do Paraguai, Guerra Grande, Guerra Guasú – reflete a falta de consenso hermenêutico entre os pesquisadores e os incômodos políticos e ideológicos que provoca sua evocação” (SANSÓN CORBO, 2015, p. 955).

Stroessner explorou intensamente a imagem militarizada, heroica e patriótica de López, enxergando-se como seu herdeiro e sucessor, depois de Caballero.

40 | Liliana Brezzo (2011; 2014) considera que a polêmica jornalística de 1902, entre o revisionista Juan O’Leary e o liberal Cecilio Báez, marca o início da campanha reivindicatória de López. A autora observa que a consagração de O’Leary como o historiador oficial da pátria por parte de Stroessner, ao erigir um monumento em sua homenagem em uma praça central de Assunção, capital do país, envolve um simbolismo que é exemplo dos usos políticos do passado por parte do stronismo. Nesse contexto, o lopizmo facilitou a legitimação da ditadura, permitindo que seus adversários políticos – incluídos os críticos do próprio partido – fossem etiquetados como traidores da pátria e, portanto, punidos com perseguições, prisão, tortura e/ou exílio.

Não é mera coincidência que, justamente durante o stronismo, Elisa Lynch passou a ser referenciada como arquétipo das mulheres paraguaias. Natania Neres da Silva analisou quatro textos biográficos, de diferentes momentos históricos, mostrando como essa figura feminina passou de ser antítese a modelo da mulher paraguaia, revelando os diferentes matizes que cada autor considerou segundo o momento da escrita biográfica. Para a autora, a consagração de Lynch como heroína nacional durante a ditadura de Stroessner, aconteceu “tendo a sua relação com o Marechal López e sua participação na Guerra da Tríplice Aliança reinterpretadas sob luzes mais favoráveis e nacionalistas” (SILVA, 2019, p. 127).

O que mobilizou a repensar as biografias sobre os dois personagens foi a sua atualização. Assim, o objetivo deste artigo é comparar duas biografias recentes, uma de Lynch e outra de López, publicadas em 2020 como parte de uma Coleção sobre os heróis do conflito oitocentista. Os dois textos se inscrevem nas pautas estipuladas pelas editoras, mas permitem estabelecer semelhanças e diferenças que evidenciam a atualidade do gênero biográfico, ao mesmo tempo em que é possível indagar sobre as permanências e mudanças nas biografias desses dois personagens da história paraguaia após décadas de sua consagração como heróis nacionais.

Claro que não escapa aos autores a controvérsia sempre presente em torno dos heróis paraguaios, evidenciando os temores e cuidados que devem assumir ao escrever sobre figuras consolidadas, porém polêmicas:

| 41

El rumor del calvario-nigui tiende una sordina sobre el crepitar de aquella diagonal de sangre y fuego que recorre avasallante nuestra memoria nacional. Solo queda una triunfadora viva: la muerte. Ante ella sucumben los ditirambos al héroe o los improperios al tirano. (NERI FARINA, 2020, p. 5)

A escrita biográfica revisitada

Ao considerar este tipo de escrita de si como fonte, é necessário refletir sobre as “armadilhas da biografia na construção de uma personagem”.³ Para Jacques Le Goff (1999, p. 20), a biografia tem sido tanto um gênero literário utilizado para “contar” a vida de alguns personagens quanto um modo de fazer história – talvez, um dos mais difíceis, segundo o autor.

Este gênero, de acordo com Françoise Dosse (2009, p. 12-13), tem atravessado períodos de maior ou menor produção em diferentes momentos da história ocidental. Como gênero, tem sofrido uma evolução com múltiplas mutações, mas sempre mantendo como característica principal o discurso da autenticidade – a busca pela verdade – e a insistência na vida exemplar do biografado.

Ainda de acordo com François Dosse (2009, P. 11), “escrever a vida de alguém é um horizonte inacessível que, no entanto, sempre estimula o desejo de narrar e compreender”. Para o autor, o “desafio biográfico” consiste em captar e reproduzir o movimento de uma vida. O estilo da escrita biográfica tende a atrair o leitor porque, aparentemente, cobre as lacunas deixadas pelo vazio documental. Porém, a biografia, assim como a história, é escrita a partir do presente, numa

³ Este é o título dado por Stella Scatena Franco a um dos capítulos do livro *Peregrinas de Outrora*, no qual reflete sobre as frequentes “armadilhas” ou “objetos camuflados” com que se deparam os pesquisadores ao estudar as biografias. Como tais, esses recursos literários utilizados por alguns biógrafos permitiriam construir um personagem com uma missão e um destino *a priori*. (SCATENA FRANCO, 2008, p.63).

relação de proximidade ainda mais forte quando há empatia entre o autor e o biografado, razão pela qual se torna uma fonte importante.

| 42 O biógrafo passa por um processo de quase dedicação “exclusiva” para relatar a vida de seu biografado, na tentativa de exumar o maior número de fontes e concluir seu trabalho, o que nunca acontece diante do surgimento de novas pistas e/ou perguntas que seu presente lhe oferece. Estabelece-se uma tensão entre a ânsia pela verdade e a necessidade de narrar, dando espaço à ficção, que situa a biografia num “ponto médio entre ficção e realidade histórica” (DOSSE, 2009, p. 12-13).

Nesse processo – tenso, árduo e sem fim – o autor toma partido pelo protagonista; o “biógrafo acaba *possuído* pelo biografado”, diante da “ânsia de dar sentido, de refletir a heterogeneidade e a contingência de uma vida para criar uma unidade significativa e coerente [que] traz em si boa dose de engodo e ilusão” (DOSSE, 2009, p. 12-13; grifo do autor).

A biografia, cujo auge deu-se no século XIX, conheceu um longo declínio no século XX, até que, nas últimas décadas deste, foi retomada tanto por escritores quanto por historiadores, numa clara reivindicação por parte da história erudita. Segundo Levillain (2003) e Dosse (2009), o gênero biográfico experimentou uma reabilitação, em parte, acompanhando o processo de recuperação da história política (Ver: DOSSE, 2009; LEVILLAIN, 2003).

Porém, boa parte das biografias – como dos biógrafos – é situada ainda na tortuosa fronteira entre a literatura e a história, como um gênero praticado por aqueles que conhecem a arte da escrita, mas carecem de uma metodologia científica. Neste sentido, a biografia faz uso de recursos literários que permitem compensar as lacunas e os silêncios; com a narrativa, o biógrafo recria o movimento de uma vida; em definitivo, faz uso da ficção.

Por esta razão, a biografia dita “literária” tem sofrido com a censura dos historiadores do século XX. Entretanto, o historiador Giovanni Levi (2002, p. 168-169) aponta que a biografia é “o canal privilegiado através do qual os

questionamentos e as técnicas peculiares da literatura se transmitem à historiografia”.

| 43 Aqui, interessa-nos a recuperação da biografia literária como fonte historiográfica, de maneira que, após uma análise crítica que identifique suas “armadilhas”, seja possível tanto desconstruir o personagem construído pelo relato biográfico quanto reconstruir os caminhos percorridos pelo personagem e estabelecer seu papel dentro de determinados espaços sociais, culturais, econômicos e/ou políticos.

O sociólogo francês Pierre Bourdieu (2006) considerava que a biografia, enquanto história de vida – ou seja, o relato da sucessão de acontecimentos de uma existência individual – entrou clandestinamente no mundo científico. Sua origem, segundo Bourdieu, está no senso comum que a descreve como um caminho, um “trajeto”, uma viagem, uma passagem, um deslocamento linear, percorrido unidirecionalmente, desde “o” começo até “o” fim – no duplo sentido de término e de finalidade –, definindo-se como uma biografia exemplar.

Isso pressupõe que a vida constitui um todo coerente e orientado por uma “intenção” subjetiva-objetiva, expressão unitária de um projeto:

Essa vida organizada como uma história transcorre, segundo uma ordem cronológica que também é uma ordem lógica, desde um começo, uma origem, no duplo sentido de ponto de partida, de início, mas também de princípio, de razão de ser, de causa primeira, até seu término, que também é um objetivo. (BOURDIEU, 2006, p. 184)

Ainda segundo Bourdieu, o investigado “se entrega” a um investigador, propondo acontecimentos que, sem ter uma ordem cronológica estrita, tendem a estar organizados numa sequência inteligível. Tanto o objeto quanto os sujeitos da biografia (o biografado e o biógrafo) têm o mesmo interesse em aceitar o “postulado de sentido da existência” narrada. O objetivo é dar sentido, tornar razoável, “extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva”.

Como sociólogo, Bourdieu (2006, p. 185) salientava que “não podemos nos furtar à questão dos mecanismos sociais que favorecem ou autorizam a experiência comum da vida como unidade e como totalidade”. Portanto, se o

biografado converte-se em ideólogo de si, ao selecionar os acontecimentos mais “importantes”, também isso é possível porque há um entorno social que assim o demanda (BOURDIEU, 2006, p. 186).

| 44

A identidade constante mais evidente do biografado é o nome próprio, “designador rígido”, “um ponto fixo num mundo que se move” (BOURDIEU, 2006, p. 186). É através dessa forma particular, única, individual, de nomeação que é o nome próprio, que:

Institui-se uma identidade social constante e durável, que garante a identidade do indivíduo biológico em todos os campos possíveis onde ele intervém como *agente*, isto é, em todas as suas histórias de vida possíveis (...). Como instituição, o nome próprio é arrancado do tempo e do espaço e das variações segundo os lugares e os momentos (BOURDIEU, 2006, p. 186-187).

O nome próprio é a permanência, a constância mais visível do indivíduo, enquanto está vivo e após sua morte também. É a identidade que atravessa todos os tempos – passado, presente e futuro do indivíduo e de seu entorno social – e que atravessa também múltiplos espaços, tenha seu portador transitado fisicamente por eles ou não, como é o caso de intelectuais como o paraguaio Juan Natalicio González.⁴ Para Bourdieu, a história de vida se aproxima, em certa medida, da identidade oferecida pelo nome próprio e sua prova material, a carteira de identidade. Esta oferece um conjunto de “propriedades”, como nacionalidade, sexo, idade, etc., que completam a identidade nominativa do sujeito. Por sua vez, o relato de vida é a “apresentação *pública* e, logo, a oficialização de uma representação *privada* de sua própria vida, pública ou privada” (BOURDIEU, 2006, p. 189). Na biografia como história de vida, o biografado, ao ser entrevistado pelo biógrafo, elabora uma representação de si – mais ou menos consciente – “em função de sua experiência direta ou mediata de situações equivalentes (entrevista de escritor célebre ou de político, situação de exame, etc.), que orientará todo o seu esforço de apresentação de si, ou melhor, de produção de si” (BOURDIEU, 2006, p. 189).

⁴ Juan Natalicio González foi um destacado personagem da história paraguaia no século XX, que contribuiu consideravelmente para a difusão do revisionismo histórico (QUINTEROS, 2017).

Na biografia, o sujeito e o objeto têm o mesmo interesse: dar coerência e unidade à narrativa biográfica e, assim, permitir que a apresentação pública – a identidade representativa da vida do biografado – surja como um novo personagem construído a partir da “produção de si” do entrevistado e da escrita do autor. Entrevistado e entrevistador têm o mesmo interesse; ambos têm um acordo tácito – uma cumplicidade – que permite complementar a “representação de si” do entrevistado e a narrativa linear “começo-fim” do entrevistador.

Neste sentido, a história de vida “conduz à construção da noção de *trajetória*” ou “série de *posições* sucessivamente ocupadas por um mesmo agente” (BOURDIEU, 2006, p. 189). Tais “posições” são os acontecimentos biográficos – “*colocações e deslocamentos* no espaço social” –, sujeitos a múltiplas transformações, não necessariamente coerentes. A variável que permanece é o nome próprio.

No que se refere ainda às biografias, Levillain (2003) afirma que podem ser probatórias: em função de uma vivência, os fatos são ordenados a partir de documentos, que podem provir do testemunho. Com isto, o objetivo da biografia pode ser a homologação de um conhecimento ou de um conjunto de ideias ou bem pode participar de uma história da diferença. Voltando à recuperação da biografia histórica no âmbito acadêmico, o autor defende o gênero como “o melhor meio, em compensação, de mostrar as ligações entre passado e presente; memória e projeto; indivíduo e sociedade, e de experimentar o tempo como prova de vida” (LEVILLAIN, 2003, p. 176).

Avançado quase um quarto do século XXI, o filósofo coreano Byung-Chul Han (2023) reflete sobre a oposição entre a ‘narração’ (entre elas, a biográfica) e a moda do *storytelling*, tão presente hoje nas redes sociais. Para ele, a “clamorosa demanda de narrativas denota que nelas se produz uma *disfunção*”, que se evidencia na ausência de sentido, em oposição ao relato biográfico cujo objetivo é dar sentido e identidade a uma vida (HAN, 2023, p. 11-13). Isso possibilita que as narrativas de si expostas nas redes sociais sejam breves, sem narração (muitas vezes, elas são apenas uma sucessão de imagens), esquecíveis e efêmeras.

Para o filósofo, a narração (biográfica) é *conclusiva* porque busca dar esse sentido através de uma ordem *fechada*, enquanto que na era pós-narrativa (denominação dada por Han ao período atual de império das redes sociais) em que tudo é contingente, “as narrativas não desenvolvem nenhuma vigorosa força de coesão” (HAN, 2023, p. 13, grifos do autor). Nessa oposição, enquanto as narrações geravam comunidades, as *storytelling* geram *communities* de consumidores. As primeiras, hegemônicas nos séculos XIX e XX, impulsionaram as identidades nacionais porque construíam um contínuo temporal - uma *história* -, enquanto as segundas favorecem narrativas prontas para serem consumidas como uma mercancia em um contexto político-econômico dominado pelo capitalismo global.

Hoje, para Han (2023), a humanidade está perdendo a paciência para escutar e para narrar (o que antes era vital para uma comunidade transmitir o conhecimento e a identidade de uma geração a outra) e se submerge nesse tsunami de informações e de *storytelling*, perdendo a empatia. Nesse contexto contemporâneo das *storytelling*, cabe se perguntar sobre o porquê de publicar uma nova coleção de biografias dos personagens da Guerra Guasu e o que permanece ou muda no modo de biografar os principais heróis e heroínas da história nacional paraguaia.

Francisco Solano López e Elisa Alicia Lynch biografados

A Guerra do Paraguai constitui a coluna vertebral da escrita da história nacional paraguaia, a partir da qual todos os acontecimentos históricos (desde a pré-história até os dias atuais) são interpretados desde esse prisma. Como destaca Natania Neres da Silva, o Paraguai possui “uma exitosa narrativa da nação” porque conseguiu “produzir uma cosmogonia repleta de heróis e histórias fantásticas mesmo em um cenário desfavorável, com a perda de uma guerra e a dizimação de parte de sua população” (SILVA, 2019, p. 13). A materialidade dessa *doxa* aparece perante qualquer estrangeiro que visite o país e constata os mesmos nomes utilizados repetidamente para ruas, praças, museus e escolas.

Logo após a derrota do Paraguai diante da Tríplice Aliança (Argentina, Brasil, Uruguai)⁵, o país permaneceu por algum tempo sob a tutela do exército aliado. Sua “reconstrução” político-econômica desenvolveu-se praticamente sob a hegemonia argentina, baseada na constituição de 1870 e na escrita da história recente em que os derrotados – e principalmente sua máxima figura político-militar, Francisco Solano López – foram responsabilizados pela origem e pelas consequências da contenda. Assim, os aliados teriam sido responsáveis de liberar o país mediterrâneo da denominada “tirania”, que teria sido imposta por José Gaspar Rodríguez de Francia e pelos López (pai e filho).

Essa interpretação da guerra e da história nacional paraguaia prevaleceu até começos do século XX, quando os intelectuais paraguaios conseguiram se recuperar do trauma da derrota para inverter a equação: apesar das perdas e da destruição, o Paraguai defendeu a Pátria até a última gota de sangue, oferecendo uma resistência sem rendição ao inimigo e mostrando a idiossincrasia corajosa dos paraguaios. Dali, surgiram inúmeros ensaios históricos e biográficos que resgataram positivamente os protagonistas da guerra.

Esta corrente, conhecida como revisionismo histórico paraguaio superou as fronteiras nacionais e todos os países que participaram na guerra oitocentista revisaram suas interpretações sobre as causas e consequências da contenda (MOREIRA; QUINTEROS, 2016). No Paraguai, ela se consolidou durante a primeira metade do século XX e se instaurou como a história oficial durante o stronismo (1954-1989)⁶, gozando de boa saúde até os dias atuais. A principal

⁵ O Tratado da Tríplice Aliança foi assinado em 1º de maio de 1865 por Brasil, Argentina e Uruguai que formaram uma aliança contra o Paraguai no contexto do conflito platino. O Tratado definiu os termos sobre a Guerra em andamento e tratou entre coisas das questões pertinentes aos territórios litigiosos entre Brasil e Paraguai e Paraguai e Argentina, assim como a navegação pelos rios platinos e os termos que se daria a rendição do país guarani.

⁶ Em 1954, o jovem militar Alfredo Stroessner “ganhou” as eleições para presidente pelo Partido Colorado, consolidando a hegemonia do coloradismo que se estende até os dias atuais. Os mecanismos para vencer nas eleições internas do partido, bem como nas ditas eleições presidenciais que se sucederam entre 1954 e 1989, iam da fraude a uma violência política que garantiram a Stroessner uma continuidade no poder de 35 anos, sendo a ditadura cívico-militar mais longa de toda a história latino-americana, caracterizada pela corrupção econômica, o terror e o medo como estratégias de domínio social sobre as elites e a população em geral (SOLER; QUINTEROS, 2017).

figura é a de Francisco Solano López, seguida dos generais que o acompanharam, dos homens, das mulheres e das crianças que o seguiram; mas principalmente, da sua companheira Elisa Alicia Lynch, que transitou da injúria ao patamar de heroína nacional, convocando a atenção de biógrafos de diferentes latitudes (SILVA, 2019). Os diversos estilos biográficos vão das narrativas impressas em jornais e livros do século XIX às apresentadas em filmes e meios eletrônicos atuais.⁷

Entre 2014 e 2020, diversas atividades foram realizadas no Paraguai no marco do 150º aniversário da Guerra Guasu. A republicação de textos clássicos e a apresentação de novas versões sobre o conflito inundaram o mercado editorial do país. A prática tinha seu antecedente imediato nas comemorações do Bicentenário da Independência Paraguaia, comemorado em 2011 e, experimentou processos similares nos países que integraram a Tríplice Aliança, mas em nenhum deles atingiu a intensidade observada no Paraguai.

A velha prática de vender o jornal de domingo com um livro de coleção ainda permanece no país e, tratando-se de um texto de história nacional, promove a venda do jornal em questão em um momento em que boa parte da humanidade prefere se informar através das versões *on-line* dos meios de comunicação.

Em 2020, o Grupo Editorial Atlas e o Jornal Última Hora ofereceram ao público a *Colección Protagonistas de la Guerra Guasu*, dirigida pelo historiador

⁷ Como exemplo da profícua produção biográfica, cita-se: *Elisa Lynch por Orión* (1870), *Elisa Lynch de Quatrefages* (1939), *Retrato de um Dictador – Francisco Solano López* (1943), *A solidão segundo Solano López* (1982), *Solano López: soldado de la gloria y del infortunio* (1984), *Elisa Lynch: mulher do mundo e da guerra* (2007), *La gran infortunada: Alicia Elisa Lynch* (2007), *Francisco López and the ruination of Paraguay: honor and egocentrismo* (2007), *La apasionante biografía de madame Lynch y Solano López* (2009), *Calúnia – la historia de Elisa Lynch y la Guerra de la Triple Alianza* (2009, versão em Língua Espanhola), *Calúnia: Elisa Lynch e a Guerra do Paraguai* (2009, versão em língua portuguesa), *Elisa Alicia Lynch* (2011), *Romanceiro de Elisa Lynch e Solano López: A Guerra do Paraguai* (2013), *Uma nova história da guerra do Paraguai: Solano López e a imperatriz da América do Sul* (2015). Com vistas a ampliar a compreensão do leitor acerca das narrativas criadas em torno de Lynch e López, elencam-se também as seguintes narrativas fílmicas: *Cerro Corá* (Paraguai, 1978) e *Elisa Lynch: Queen of Paraguay* (Irlanda, 2013). Sobre o lançamento do longa irlandês sobre Elisa Lynch, ver: ÚLTIMA HORA, 2013; e, sobre as narrativas fílmicas, tanto em filmes de curta como de longa duração e documentários, ver: SQUINELO (2015; 2017); SOUSA (2016); MAGARIÑOS (2019).

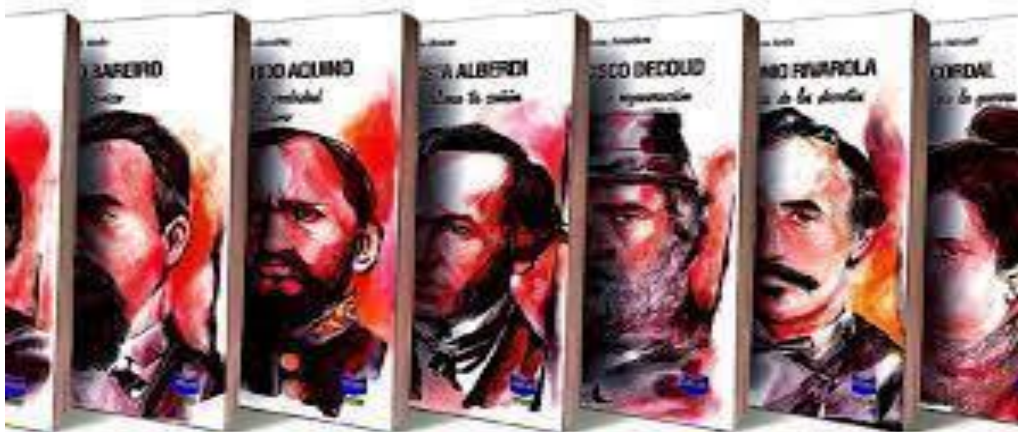
Herib Caballero Campos e integrada por mais de trinta biografias sobre os diferentes personagens destacados do conflito. O primeiro tomo vendido apareceu em 02/05/2020, dando início à distribuição de um tomo por semana. Seguindo os novos tempos, a Coleção foi apresentada em forma impressa e em formato digital como *e-book*.

Os objetivos da empreitada eram rememorar os 150 anos do fim da Guerra Guasu, “a mais trágica etapa da história nacional”, e aproximar os leitores à história do conflito bélico a partir do pensamento dos personagens paraguaios mais influentes da época (ÚLTIMA HORA, 2020). Apesar da explanação publicada pelo jornal, nem todos biografados eram do Paraguai, tal o caso de Juan Bautista Alberdi, jurista argentino contemporâneo da contenda e resgatado pela historiografia paraguaia por ter sido um dos poucos intelectuais do Prata a se manifestar contra a guerra e que denunciou a devastação que ela provocou na sociedade e na economia paraguaias.

Cada tomo preserva as características próprias de um livro de bolso: leve, de fácil manipulação e leitura, com uma média de 100 páginas. Os editores e a organização da Coleção tiveram particular cuidado na uniformização dos diferentes tomos, tanto em seus aspectos formais (estrutura do conteúdo, capa, diagramação) quanto no conteúdo, tendendo a oferecer biografias atualizadas capazes de captar o interesse do leitor.

Em 12/07/2020, foi publicada a biografia de Elisa Lynch e, na semana seguinte, a de Francisco Solano López. A capa de todos os tomos traz a mesma tipografia e tamanho de letra para o título, subtítulo, autores e dados das editoras, junto a um desenho do biografado em estilo aquarela:

Figura 1: Capa dos tomos da *Coleção Protagonistas da Guerra Guasu*



Fonte: ULTIMA HORA, 2020

Seguindo o objetivo de comparar as biografias de Lynch e de López da Coleção publicada pelo jornal Última Hora em 2020, indicamos no Quadro 1 as informações gerais dos dois livros:

Quadro 1: Sistematização das informações sobre as biografias de Elisa Alicia Lynch e Francisco Solano López

	Elisa Alicia Lynch	Francisco Solano López
Título	ELISA ALICIA LYNCH La madame en su contexto	FRANCISCO SOLANO LÓPEZ El sino trágico
Coleção	Protagonistas de la Guerra Guasu	Protagonistas de la Guerra Guasu
Editores	Grupo Editorial Atlas Jornal Última Hora	Grupo Editorial Atlas Jornal Última Hora
Data de Publicação	12/07/2020	19/07/2020
Autores	Anahí Soto Vera Paola Ferraro	Bernardo Neri Farina

Capa	<p>Anaí Soto Vera y Paola Ferrero</p> <p>ELISA ALICIA LYNCH</p> <p><i>La madame en su contexto</i></p> 	<p>Bernardo Neri Farina</p> <p>FRANCISCO SOLANO LÓPEZ</p> <p><i>El sino trágico</i></p> 
Número de páginas	103	109
Estrutura do conteúdo	<p>Prólogo</p> <p>Introdução</p> <p>3 capítulos</p> <p>Conclusão</p> <p>Anexo</p> <p>Referências Bibliográficas</p> <p>Dados das autoras</p>	<p>Prólogo</p> <p>Introdução</p> <p>6 capítulos</p> <p>Referências Bibliográficas</p> <p>Dados do autor</p>

Fonte: Elaboração própria

Os desenhos das capas apresentam apenas os rostos dos biografados e a parte superior do torso, olhando da direita para a esquerda. Enquanto Lynch reúne os elementos característicos de uma dama do século XIX (roupa, penteado, joias), López surge com sua vestimenta militar, barba densa e “bochechudo”. Ambos personagens aparentam idades próximas, nem tão jovens, nem tão velhos. Os tons pastéis ajudam a retratar dois seres humanos do século XIX, distanciando-se das representações clássicas dos heróis latino-americanos como figuras envolvidas em um halo sacramental. Esse conteúdo imagético adianta a perspectiva analítica dos autores no desenvolvimento dos capítulos.

Satanização, sacralização, atualização: a complexa tarefa de superar as polêmicas

| 52

As controvérsias, contradições e manipulações maniqueístas que envolvem a vida do casal López/Lynch resultam evidentes nas ressalvas e considerações colocadas pelos autores. Sem dúvida, López é a figura mais manuseada nos usos políticos do passado paraguaio. Porém, sua biografia na coleção em questão foi a 12ª a ser publicada e *a posteriori* da de Lynch.

Poderiam ser elaboradas várias hipóteses a respeito, mas desconhecemos os motivos dessa ordem. O que sim chama a atenção é o fato de o autor da biografia de López ser um homem de longa trajetória na literatura, no jornalismo e na publicação de diversos livros de história no Paraguai, enquanto que a biografia de Lynch foi encomendada a duas jovens historiadoras mulheres destacadas, mas que não têm igual prestígio ao outro biógrafo.

Bernardo Neri Farina, autor de *Francisco Solano López. El sino trágico*, nascido em Assunção em 1951, é um reconhecido intelectual da capital paraguaia. Membro da Academia Paraguaia de Língua Espanhola, estudou no Colégio Monseñor Lasagna e frequentou o curso de jornalismo da Universidade Nacional de Assunção (UNA), mas não concluiu o curso. Em sua vida profissional, trabalhou em diversos jornais, foi roteirista de programas televisivos, é membro do PEN Club do Paraguai e docente da Universidade do Norte. Como escritor, publicou vários ensaios, romances, contos e crônicas; como historiador, mostrou particular interesse no regime ditatorial de Alfredo Stroessner (1954-1989), sendo *El último supremo* (2003) e *El Paraguay bajo el stronismo* (2010) suas obras mais conhecidas do ponto de vista historiográfico. Junto ao coordenador da Coleção considerada aqui, Herib Caballero Campos, coordenou a *Coleção Guerras e violências políticas no Paraguai* (2011) (ASOCIACIÓN, 2024).

Chama a atenção que um destacado intelectual faça questão em salientar que não terminou o curso de graduação que tinha iniciado, mas é a prática de muitos intelectuais como uma forma de denunciar que tiveram que abandonar o curso devido às difíceis condições dos estudantes universitários perante a

perseguição e repressão do stronismo. Não deixa de ser uma estratégia para destacar que, apesar das adversidades, continuaram na luta convertendo-se em referências em nível nacional e internacional.

| 53

Provavelmente tenha sido o prestígio do autor – como assim também, sua antiga parceria com o coordenador da Coleção – que influenciou sua escolha para a difícil tarefa de biografar de maneira breve e séria o “maior” herói do Paraguai. Fiel admirador de Augusto Roa Bastos (talvez o escritor paraguaio de maior transcendência internacional), Neri Farina dá começo ao livro – prefaciado sucintamente por Caballero Campos – com uma citação sua, remetendo à polêmica em torno de López: Herói ou Anti-herói?

Experimenté el estremecimiento de una revelación que anula de golpe todas nuestras incredulidades. Comprendí el inconcebible misterio – el de Solano López – de un alma sin freno, sin fe, sin ley, sin miedo, y que sin embargo luchaba ciegamente consigo mismo más allá de los límites humanos. Luchó hasta el último aliento para evitar su caída en la degradación extrema de la cobardía o del miedo (ROA BASTOS *Apud* NERI FARINA, 2020, p. 3).

O que levou a que López fosse até as últimas consequências na guerra contra a Tríplice Aliança? O autor – coincidindo com Caballero Campos que no prólogo fizera a advertência de que biografar Francisco Solano López implicava mexer com posturas divergentes – tem conhecimento das polêmicas e de que escrever sobre o principal herói paraguaio é uma tarefa que dificilmente agradaria a todos.

Como intelectual polissêmico, Neri Farina organizou o livro de forma peculiar na que combinou tanto sua formação literária quanto seu conhecimento da história nacional. Além da introdução, o texto se divide em seis capítulos, cada um deles intitulado com um ano e um conceito vinculado à figura de López. O primeiro e o último capítulos referem-se a duas datas do século XX – de quando López foi consagrado como herói nacional e do momento de escrita,

respectivamente –, enquanto que os outros quatro capítulos dão conta da vida do biografado, desde seu nascimento até sua morte.⁸

O conteúdo escrito se completa com algumas imagens – fotografias, daguerreótipos, jornais, documentos de época –, poemas e canções. O autor demonstra uma erudição historiográfica profunda, que é apresentada numa linguagem poética própria de literatos, usando um vocabulário pouco comum entre os historiadores. Deste modo, ao biografar a vida de López, Neri Farina se aproxima dessa tensão entre a ‘verdade’ e a ‘ficção’ que gera a necessidade de narrar uma vida (DOSSE, 2009, p. 12-13).

O biógrafo se contorce em um difícil movimento de “contar a verdade histórica” – baseando-se na consulta de inúmeros historiadores – e fazer uma crítica audaciosa a essa história oficial consolidada no século XX baseada em biografias laudatórias de López:

En el caso de las guerras, nos solemos quedar con la admiración del heroísmo, la entrega a la causa, la exaltación patriótica, el valor desmesurado, la temeridad asombrosa, el sacrificio extremo. Y olvidamos al sujeto doliente con su carne desgarrada, su espíritu lacerado, su voluntad extenuada, su juventud arrebatada, su futuro clausurado por una herida horrenda a través de la cual su vida se va abriendo camino rumbo a una eternidad las más de las veces de triste olvido (NERI FARINA, 2020, p. 4).

A proposta do autor na Introdução é conhecer “o homem em seu contexto e na história” para entender por que o Paraguai vive, desde 1870, “a vigília interminável de uma dor que não se esvaziou jamais”. Essa dor que define a identidade dos paraguaios é a que mobiliza o autor a escrever uma nova biografia de Francisco Solano López, no intuito de trazer luz sobre o “homem sepultado na lenda” (NERI FARINA, 2020, p. 4-5).

⁸ Após uma breve introdução, os capítulos se distribuem quase equitativamente no número de páginas, intitulados assim: I: 1936. *La entronización del mariscal y la era nacionalista*; II: 1827. *El itinerario vital de Francisco Solano*; III: 1862, *Solano López presidente*; IV: 1864. *El itinerario mortal de Francisco Solano*; V: 1868. *La tragedia interior*; VI: 2020. *López, Elisa y la guerra a partir de la poesía y de la música*.

O contorcionismo do autor fica evidente na escolha dos títulos quando precisa se referir ao biografado, usando o cargo (marechal), os nomes próprios (Francisco Solano), nome e sobrenome (Solano López) ou apenas o sobrenome (López). O que pode ser interpretado como um recurso para evitar reiterações, também pode estar vinculado a conflitos sobre como nomear a esse personagem histórico querido e/ou odiado.

No primeiro capítulo, a figura do “marechal” surge quando López foi reabilitado em 1936, até então condenado publicamente pelos sucessivos governos e que, sob um governo militar que tinha triunfado na Guerra do Chaco contra a Bolívia⁹, literalmente “voltava” para Assunção, ao serem trasladados seus restos ao flamante Panteão, cuja construção foi especialmente finalizada para albergar os heróis da Pátria.¹⁰ Entretanto, “López” aparece sem maiores deferências no último capítulo em que o autor faz um rápido balanço sobre a preservação do Herói nas diferentes manifestações culturais, principalmente na poesia e na música. Porém, no título, ele aparece junto com o nome de sua companheira que é nomeada apenas com o nome próprio, Elisa. Em soma, o primeiro e o último capítulos funcionam como balizas para delimitar as origens e o estado atual da “lenda” Francisco Solano López.

Os capítulos internos (dois a cinco) surgem como a biografia propriamente dita, seguindo a linearidade de princípio ao fim, no duplo sentido analisado por Bourdieu, na medida que seguem uma ordem cronológica que outorga uma sequência à trajetória do protagonista, desde seu nascimento em 1827 até o início de seu fim em 1868.

⁹ A Guerra do Chaco (1932-1935), foi utilizada para despertar o sentimento nacionalista e unir o povo paraguaio contra o inimigo, dessa vez, a Bolívia. Sobre o tema, ver: CAPDEVILA (2015) e SANCHES (2022).

¹⁰ O *Panteón Nacional de los Héroes* começou a ser construído como um oratório para a Virgem de Assunção ainda durante o governo de Solano López; entretanto, em função da Guerra contra a Tríplice Aliança sua construção foi interrompida e retomada após a Guerra do Chaco, sendo finalizado em 1936. Naquele contexto foi transformado em Panteão e abriga os restos mortais daqueles considerados heróis da história paraguaia, como Carlos Antonio López e Francisco Solano López.

Neri Farina tem particular cuidado em ancorar suas afirmações em uma densa pesquisa bibliográfica e documental, fazendo parte dessas ponderações, de maneira indireta, mediante extensas citações textuais de documentos e/ou autores. Ao descrever a infância e a educação de López, o autor explica o interesse do protagonista na “formação militar”: com apenas 18 anos, seu pai Carlos Antonio López encomendou-lhe o comando das forças paraguaias que dariam apoio às forças militares da província argentina de Corrientes contra o exército do governador de Buenos Aires, Juan Manuel de Rosas. Citando o General Paz, da província de Córdoba, o autor traz a informação de que López não possuía conhecimentos militares nem disciplina para comandar uma guerra. O capítulo, porém, fecha com uma apreciação positiva ao citar um documento em que as autoridades de Buenos Aires agradecem ao biografado pelo seu papel de diplomata que intermediou no conflito entre essa província e o resto da Confederação argentina (NERI FARINA, 2020, p. 31 e 40). Com o recurso das citações textuais, o autor faz uso de palavras autorizadas para legitimar o próprio texto e evita dar continuidade a polêmicas ao não fazer ele mesmo as afirmações sobre o despreparo militar/sucesso diplomático de López, usando a palavra de terceiros.

Embora Neri Farina não queira entrar em detalhes da guerra, não pôde fugir de mencionar o seu desenrolar por meio, novamente, de citações de textos jornalísticos, de contemporâneos de López e de “historiadores” que apoiaram ou criticaram as decisões do biografado. Entre eles, o autor faz uso de citações de Juan O’Leary (pai do revisionismo) e de Arturo Bray (militar liberal). Enquanto o primeiro foi o grande responsável das primeiras biografias laudatórias de López, o segundo tentou fazer uma crítica a partir da óptica militar, chegando a afirmar que “Solano López é o único que deve carregar com a responsabilidade do descalabro de Tuiuti”. (Neri Farina, 2020, p. 68) Sem dizê-lo diretamente, o autor deixa margem à possibilidade de responsabilizar López pelas nefastas consequências de algumas decisões adotadas durante a guerra.

Porém, o biógrafo não consegue fugir completamente de alguns lugares comuns, como quando explica a chegada do biografado à presidência do Paraguai, dando continuidade ao projeto de modernização e de inserção do país na economia mundial, formulado pelo López pai. A ideia do desenvolvimento paraguaio é reforçada quando o texto aborda o momento em que o personagem se envolve na contenda contra a Tríplice Aliança. O autor esclarece que não há necessidade em detalhar os pormenores do conflito e sim em identificar “Francisco Solano” nesse processo que “o arrastou e, com ele, um país foi levado quando florescia no meio dos percalços da vizinhança” (Neri Farina, 2020, p. 54). Assim, o autor acaba referendando a afirmação – muito cara para os revisionistas – do desenvolvimento ímpar do Paraguai perante o “atraso” de seus vizinhos, principalmente os rio-platenses.

Entretanto, a obra *Elisa Alicia Lynch: La madame en su contexto*, de Anahí Soto Vera e Paola Ferraro, também procura não cair em estigmas consagrados em torno dessa figura feminina, ao mesmo tempo em que busca ir à essência da condição feminina do século XIX, abordando seus desafios diante de uma sociedade patriarcal e católica. Nesse sentido, as autoras tentam se distanciar das interpretações consolidadas que apontam para dois lados opostos: a Elisa Lynch dama formosa e mãe dedicada à nação *versus* a Elisa Lynch concubina, amante e interesseira.

Diversas biografias têm sido recuperadas para pesquisar o modo em que foi construída essa imagem dicotômica. Um dos trabalhos que melhor apresenta a historicidade das tensões em torno da irlandesa é o de Natania Neres da Silva, identificando três fases. Logo após o fim da guerra, diversos jornais publicaram uma “série de artigos maledicentes sobre Elisa Lynch” (SILVA, 2019, p. 43) e não demorou em aparecer a primeira biografia escrita por Héctor Florencia Varela (*Elisa Lynch por Orion*, 1870), inaugurando a etapa das “injúrias” contra Lynch. Embora López fosse reabilitado na terceira década do século XX, Elisa Lynch não teve igual sorte senão até o stronismo quando apareceram biografias que consagraram a sua “glória” como “mulher abnegada, fiel e corajosa, uma

verdadeira heroína nacional” (SILVA, 2019, p.76). Até chegar nessa última fase, inúmeras biografias foram publicadas, muitas delas movidas pelo “ressentimento” das famílias que viam “Francisco Solano López e Elisa Lynch como os grandes verdugos da sociedade paraguaia” (SILVA, 2019, p. 87).

O aporte mais interessante de Silva reside no fato de incorporar a perspectiva da própria protagonista ao considerar documentos de carácter autobiográfico como sua correspondência e o texto *Exposición y Protesta* (1875), escrito em ocasião de seu retorno do exílio ao Paraguai, para reivindicar as propriedades da família, que teriam sido expropriadas após a derrota na guerra.

No caso da biografia sobre Lynch que nos ocupa aqui, as autoras pertencem à jovem geração de pesquisadoras da área das ciências humanas, que cresceu e se formou durante a democracia, após a queda de Stroessner. As duas possuem formação acadêmica, são professoras, engajadas no mundo da pesquisa e produção do conhecimento histórico. Anahí Soto Vera é graduada em História pela Universidade Nacional de Assunção (2006), possui dois títulos de mestra um pela Universidade Jaume I e outro pela Universidade Pablo de Olavide, ambas da Espanha, e doutoramento em História e Estudos Humanísticos pela mesma Universidade Pablo de Olavide, tendo atuado como professora na Universidade José Martí das Américas (México) e na Universidade Miami Technology & Arts. Paola Ferraro é mestra no Programa de Ciências Sociais da Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais do Paraguai e docente da Faculdade de Arquitetura, Desenho e Artes da Universidade Nacional de Assunção, tendo trabalhado em vários centros dedicados à investigação em ciências sociais, entre eles o Centro de Documentação e Estudos (CDE) e o Centro de Estudos e Educação GERMINAL.

O perfil das autoras se diferencia da obra anterior no quesito gênero, formação acadêmica e idade. Dessa forma, temos uma biografia de uma mulher produzida por mulheres pesquisadoras com experiência na área das ciências humanas. Elas pertencem a essa nova geração de historiadores paraguaios que tem sua origem nas universidades nacionais renovadas no processo de

redemocratização e que se preocupa em produzir uma narrativa calcada nas evidências históricas, distanciando-se progressivamente das pautas e temas impostos pelo revisionismo.

| 59

Um dos desafios das historiadoras foi a análise das fontes, pois teriam se deparado com o silenciamento de Lynch nas fontes oficiais, apesar de sua participação ativa no que se denominou de projeto de modernização de López. Em grande medida, esse silenciamento está vinculado ao que se entendia ser o papel e o espaço feminino na sociedade de Assunção do século XIX, assunto que trataremos no próximo item.

Na introdução, Soto Vera e Ferraro advertem sobre a dificuldade em exumar as fontes arquivísticas e jornalísticas, além de fazer um balanço completo das biografias escritas sobre a personagem, o que seria uma tarefa hercúlea praticamente impossível de completar diante dos limites editoriais para esta publicação. Ainda assim, as autoras completam o texto biográfico com um Anexo que contém trechos do texto autobiográfico *Exposición y Protesta*, de Lynch.

Na biografia de 2020 é possível uma nova aproximação à figura emblemática e controversa de Elisa Lynch, entanto as autoras se propõem seguir a linha de análise da história de gênero – tendo Bárbara Potthast e Ana Barreto como referências – e da obra *Calumnia*, de Michael Lillis e Ronan Fanning que, como autores estrangeiros, tentaram revisitar a vida da protagonista com um olhar mais distante e considerando fontes europeias que aportassem informações sobre sua infância e juventude. Por fim, coincidindo com Caballero Campos e com Neri Farina, Soto Vera e Ferraro (2020, p. 8) declaram “seguir essa linha, sem sacralizações nem satanizações”.

Além da introdução, uma breve conclusão e o anexo, o livro está dividido em três capítulos que seguem a sequência cronológica da vida de Lynch: infância e juventude na Europa, vida no Paraguai e fim de ciclo entre o Paraguai e a

Europa.¹¹ A opção por começar detalhando o contexto socioeconômico e político da Irlanda que viu Elisa Lynch nascer e crescer pode responder à tradição biográfica de começar pelos primeiros anos de vida da biografada. Mas, sem dúvida, o fato de utilizar o texto *Calumnia* como fonte acabou sendo uma influência de peso. Provavelmente, o objetivo de Lillis e Fanning tenha sido compreender como uma irlandesa converteu-se numa figura central na história nacional de um país sul-americano. Por tanto, o relevo era colocado na origem de Lynch e não tanto em seu destino.

Assim, um número significativo de páginas foi dedicado a detalhar a situação da Irlanda na primeira metade do século XIX, para possibilitar ao leitor entender a realidade socioeconômica e política na qual estava inserida a família Lynch, para seguidamente justificar a vulnerabilidade econômica, especialmente após a morte do pai de Elisa, razão pela que a família teria migrado à França. O texto é complementado com a imagem de Elisa Lynch jovem, precedendo à ampla descrição do país galo onde contraiu matrimônio com o oficial do exército francês Xavier de Quatrefages, com quem partiu para as “terras estranhas e pouco favoráveis” da Argélia, antiga colônia francesa (SOTO VERA; FERRARO, 2020, p. 22).

Para explicar o retorno de Lynch sozinha para a França, as autoras utilizam a escrita de si da protagonista, argumentando as dificuldades pelas que teria atravessado na África, em um casamento que teria sido apenas um artifício para Quatrefages ter consigo uma amante privada. O seu regresso para a Europa marca o momento crucial para entender os “fundamentos históricos” que teriam servido de argumento para denunciar Lynch “de imoral, promíscua e até de prostituta” (SOTO VERA; FERRARO, 2020, p. 23). A pesquisa documental de Lillis e Fanning seria de fundamental importância para as historiadoras paraguaias porque mostraria que Lynch efetivamente casou com Quatrefages, voltou para

¹¹ Do mesmo modo que acontece com a biografia de López, a de Lynch também tem uma distribuição de páginas equitativa para cada capítulo, sendo eles: I. *Irlanda e Francia en los ojos de Elisa*; II. *El Paraguay al que llegó Elisa*; III. *El epílogo*.

Paris onde viveu da ajuda de terceiros e, poucos meses depois, já integrava a delegação de López que percorreu a Europa. A curta sucessão destes fatos seria a prova da impossibilidade material de Lynch ter sido uma cortesã enquanto morou na capital francesa.

A análise sobre esses episódios – que teriam se estendido entre meados de 1853 e março de 1854 – conclui com um texto da própria protagonista e com uma carta de uma modista francesa a quem Lynch não teria retribuído por seus serviços, mostrando as duas caras de uma mesma moeda a partir de documentos de época. Para as autoras, a exuberante beleza da irlandesa – para o que é agregada outra imagem de Lynch jovem, “provando” essa afirmação – somada a sua difícil situação econômica e à indefinição de seu estado civil (não era casada nem solteira), bem podem ter sido motivos das acusações ou, incluso, de ter existido efetivamente, um “curto episódio cortesão” (SOTO VERA; FERRARO, 2020, p. 25).

As circunstâncias do encontro entre Lynch e López na Europa continuam em uma nebulosa, mas para autoras ficou evidente que “ambos foram atraídos um pelo outro muito rapidamente” (SOTO VERA; FERRARO, 2020, p. 30) e que Lynch passou a acompanhar López na sua viagem oficial cujo objetivo era atrair investidores e técnicos para o Paraguai em vias de modernização. As historiadoras empatizam com a protagonista ao entender que Lynch foi:

Abandonada a su suerte en París, a punto de lanzarse como cortesana de lujo, embarazada de un “príncipe suramericano”. Había un gran amor, sí, los años de guerra pueden confirmarlo, pero principalmente, en ese momento resurgió la esperanza por su seguridad, Francisco Solano se volvió el “redentor” que le ofrecía la protección económica y social que toda mujer de esa época en su condición había ansiado (SOTO VERA; FERRARO, 2020, p. 31).

A proteção a que fazem referência as historiadoras é a de López assumir toda a responsabilidade das dívidas de Lynch, obter a separação de bens com Quatrefages e cuidar do futuro da mãe de Lynch. Porém, Soto Vera e Ferraro nada comentam sobre um assunto delicado: se Elisa estava grávida de López, por que

não casaram oficialmente? Se López teve a audácia de ir contra a vontade de seus pais e contra as convenções sociais da elite paraguaia da época, por que levou a irlandesa Elisa Lynch apenas como sua companheira e não como sua esposa legítima quando já tinham um filho em comum?

Vida pública *versus* vida privada na história dos heróis nacionais paraguaios

Um aspecto que chama a atenção é o espaço dedicado à “vida privada” dos biografados López/Lynch. Enquanto o texto de Neri Farina pouco fala sobre a família de López, Soto Vera e Ferraro dedicam um número maior de páginas para explicar o papel de Lynch como esposa e mãe. Mas, as diferenças não se limitam ao número de páginas dedicadas às ditas questões domésticas de cada biografado, senão também sobre o que é colocado em relevo em cada texto e o modo em que o assunto é apresentado.

Cabe esclarecer que existem ambiguidades em torno do que se entende por público/privado ou não doméstico/doméstico. Trata-se de dicotomias construídas historicamente, no marco da modernidade marcada pelo capitalismo e pelo patriarcado que, nos últimos anos, tem sido objeto de estudo e crítica. Segundo Susan Moller Okin (2008, p. 306-307), a primeira ambiguidade estaria vinculada àquilo em que, tudo que tem a ver com o Estado seria público, enquanto que a família, a vida íntima e doméstica seriam o espaço privado. A segunda ambiguidade é que, em períodos históricos como os séculos XIX, em que tiveram lugar a vida de personagens como López e Lynch, a divisão do trabalho entre sexos estabelecia que a coisa pública – vinculada ao Estado – pertencia ao âmbito masculino, enquanto que a coisa privada – vinculada ao lar – correspondia ao âmbito feminino. Essa separação explicaria, em parte, que Lynch não apareça nos documentos oficiais preservados nos arquivos históricos de Paraguai.

Seguindo a lógica oitocentista, a maioria das biografias de López retrata o homem público, enquanto que os textos sobre Lynch trazem dados do âmbito privado. Aparentemente, Neri Farina, Soto Vera e Ferraro não se distanciam

muito desse modelo analítico, salvo por matizes quase imperceptíveis que evidenciam alguns questionamentos ao modelo. O biógrafo de López remete, no penúltimo capítulo, ao ano de 1868 como o início do fim, quando começou a se perfilar claramente a derrota paraguaia na guerra contra a Tríplice Aliança e, apesar disso, López teria resistido até a morte. É quando Neri Farina traz algumas informações que fogem ao modelo biográfico tradicional: deixa de falar do “homem” em si para apresentar os personagens próximos a ele.

Muito brevemente, no primeiro capítulo, o autor tinha mencionado que a família do biografado tinha sofrido o mesmo processo de demonização/exílio e santificação/repatriação. O interessante está no modo em que essa informação é apresentada:

En las esferas oficiales no solo se quiso erradicar la memoria de López. También su familia estaba en el exilio. Elisa Alicia Lynch había muerto en París el 27 de julio de 1886 y sus hijos permanecían en Europa.

Enrique Venancio Víctor y Carlos Honorio López Lynch regresaron al Paraguay [...]

El 3 de setiembre de 1900 apareció el primer número de *La Patria*, el periódico creado por Enrique Solano López desde cuyas páginas se inició ya de manera persistente y casi sistemática la labor de reivindicación del mariscal (NERI FARINA, 2020, p. 14-15).

Essa breve menção à família de López surge para explicar o destino de Elisa Lynch (sem explicar quem foi) e de alguns de seus filhos. Pode parecer que todo leitor conhece a filiação de Lynch, mas também é um modo de evitar uma definição de quem já foi etiquetada como esposa, amante, companheira ou cortesã de López, tradicionais epítetos atribuídos a quem tinha nascido na Irlanda e acompanhado o biografado até o Paraguai, para ter que voltar para a Europa após a derrota na guerra. Dos filhos, Enrique Solano – criador do jornal do Partido Colorado, *La Patria* –, acaba tendo maior espaço pelo fato de ter iniciado a campanha reivindicatória do pai.

Não obstante, é no capítulo quinto que o autor dedica um espaço maior para mencionar a relação de López com sua família ascendente e descendente. O autor deixa de lado as citações textuais para dar conta das “atrocidades”

cometidas por López contra os ditos traidores da pátria¹² que foram fuzilados, exilados ou perseguidos. Entre eles, vários parentes teriam sofrido esse destino provocado pela “fúria” e “paranoia” do marechal que declarou seus irmãos e a própria mãe como inimigos irreconciliáveis – Benigno e Venancio López, irmãos, foram mortos e Juliana Ynsfrán de Martínez, prima, sofreu todo tipo de tortura, inclusive sexual. Um item separado foi dedicado pelo biógrafo às vítimas mulheres de López para mostrar o extremo grau de crueldade e loucura que marcaram os últimos anos do biografado (NERI FARINA, 2020, p. 74-79).

Neri Farina agrega uma lista dos parentes de López, detalhando o grau de parentesco e o fim que tiveram. Primeiro, lista os irmãos e depois os filhos fruto da relação com diferentes mulheres, entre elas, Elisa Lynch. O biógrafo não diferencia as mulheres nem os filhos, listados como parte de um inventário que parece demonstrar que a irlandesa foi uma das tantas mulheres de López. O cuidado em evitar definir essas mulheres com um conceito – esposa, amante, namorada – pode ser outro artifício para fugir da tradicional polêmica. Ainda assim, chama a atenção que a biografia do “homem” Francisco Solano López não dedique espaço para explicar o mundo doméstico, o âmbito das relações familiares.

Apesar da ausência de uma reflexão sobre o assunto, pode-se pensar que a intencionalidade do autor, ao enumerar as mulheres e os filhos de López, seja mostrar um López libertino e/ou descompromissado, que teve catorze filhos com cinco mulheres diferentes, entre elas, Elisa Lynch quem, apesar de ser reconhecida como protagonista da história paraguaia, nunca obteve o reconhecimento de López como a sua legítima esposa, papel social tão estimado pela conservadora sociedade oitocentista de Assunção.

¹² A questão dos traidores da Pátria é um tema apenas tratado, com muito cuidado, por autores paraguaios, pois envolve os crimes cometidos por Francisco Solano López em San Fernando, local onde ele instituiu os tribunais de sangue e procedeu ao “julgamento” e execução de inúmeras pessoas que outrora eram vistas como fiéis ao governante. López os julgou como traidores da Pátria por acreditar ter se formado uma conspiração contra ele. Recentemente a historiadora paraguaia Ana Barreto Valinotti (2021) lançou uma obra abordando os acontecimentos que tomaram San Fernando.

Entretanto, as biógrafas de Lynch também destacam a vida libidinosa de López que “tinha amantes em cada vila, alguns o acusam de ser um ‘estuprador com licença’” (SOTO VERA; FERRARO, 2020, p. 38); mas, ao contrário de Neri Farina, o nomeiam diretamente como tal. Já quando fazem referência a Lynch, mencionam que chegou em Assunção junto com o primeiro filho (nascido durante a viagem), o cabelereiro, a empregada doméstica e o irmão, além dos baús repletos da moda europeia com a que “contribuiria” para a modernização da provinciana capital paraguaia, introduzindo os costumes europeus.

Nesta fase, Lynch viveu com López uma relação que, além de nunca se concretizar num casamento oficial, ele teve outras mulheres. Contudo, a irlandesa permaneceu ao seu lado até a sua morte em Cerro Corá e deu à luz a sete filhos. Soto Vera e Ferraro não esquecem salientar que nem a família López nem a elite assuncena deram maior importância a recém-chegada porque era apenas uma das tantas mulheres com quem Solano teve filhos. As fontes oficiais omitiram a figura de Lynch assim como a família López, à qual nunca pertenceu oficialmente. Só em 1862, com a morte de Carlos López, é que Elisa López teria começado a participar nas solenidades oficiais de Estado, da sociedade e da família. A partir de então, teria começado a cumprir com a missão de uma primeira-dama, organizando elegantes bailes de gala e colaborando na contratação de professores para a educação das filhas da elite. Porém, o domínio de outras línguas e o gosto sofisticado não foram suficientes para captar a aprovação da elite paraguaia, encontrando aceitação em um grupo de mães solteiras, autônomas, dos setores populares, identificadas como *kygua vera*.

No âmbito doméstico, López “se fazia cargo de todos os gastos da casa”, enquanto Lynch sabia investir e multiplicar o dinheiro, chegando a “amassar uma pequena fortuna em dinheiro e terras” que, durante a guerra, teria aumentado (SOTO VERA; FERRARO, 2020, p. 48). A maternidade de Lynch cobra mais relevância nesta biografia do que a paternidade de López no texto de Neri Farina. As autoras descrevem a dor de Lynch de perder vários filhos, sem ter acolhimento

na família López. Além dos biológicos, as autoras também confirmam que Lynch criou outras filhas de López.

| 66

Por volta de 1868, quando o Paraguai já dava sinais de uma possível derrota, observou-se que a imagem de Lynch passou a ser invocada pelos periódicos locais como a benfeitora e a mãe do Paraguai, aquela que entrega seus filhos pela pátria, que consola, que é obediente, uma heroína da guerra (SOTO VERA; FERRARO, 2020, p. 55). Um discurso com claro objetivo de manter o ânimo de seus leitores diante de um contexto desolador.

As biógrafas dedicam vários parágrafos para a descrição do suplício de Lynch e seus filhos em Cerro Corá, apesar do qual teria tido a frieza e a coragem suficientes como para exigir uma sepultura cristã para López e o filho, mortos em combate. Voltando novamente a uma situação de vulnerabilidade econômica e social, a irlandesa passou seus últimos anos na Europa, marcados pela perda de mais um filho e pela luta por recuperar os bens embargados pelo novo governo paraguaio. Por esta razão, Lynch voltou a Assunção, oportunidade em que redigiu *Exposición y Protesta*.¹³

Ao concluírem a biografia, Soto Vera e Ferraro insistem em denunciar a ausência de fontes oficiais a respeito de Elisa Lynch, razão pela qual seguiram de perto o percurso biográfico de Lillis e Fanning (2009) que, como autores não paraguaios, tentaram manter a distância necessária com o objeto de estudo e procuraram informações sobre a primeira fase da vida da biografada na Europa. Esta biografia, traduzida para o português e também para o espanhol, bem como transformada em filme, trouxe um olhar diferente ao destacar o protagonismo de uma irlandesa que se uniu a um chefe de Estado sul-americano e “foi” da Europa para o “longínquo” Paraguai. Assim, inverteu o tradicional olhar da historiografia

¹³ Em 1875, Lynch e seu filho Enrique voltaram para Assunção para reivindicar propriedades perdidas após a derrota na guerra. Segundo Doratioto (2002, p. 81), Lynch teria adquirido grandes extensões de terras desde que chegou no Paraguai na década de 1850 e, além disso, López a havia tornado sua herdeira universal em 1868. Para o autor, as terras eram propriedade do Estado e teriam sido transferidas para Lynch em uma suposta transação de compra e venda. Lynch não foi recebida pelo governo paraguaio e, perante a hostilidade da sociedade assuncena, voltou para a Europa com o filho, de mãos vazias, falecendo em Paris em 1886.

paraguaia, que fala da irlandesa que “veio” para a América do Sul “em busca de fortuna”, “fazer a vida” e a retrata como uma aventureira, interesseira, ambiciosa e que pautava sua vida pelos interesses econômicos. É fato a ser reconhecido que Lillis e Fanning trouxeram Lynch para o centro do debate, compreendendo-a a partir de sua vida, ótica e protagonismo. Soto Vera e Ferraro acompanharam os passos dos dois pesquisadores citados, mas não aprofundaram a reflexão com outras fontes como os documentos produzidos pela própria Lynch.

No entanto, as biógrafas optam por empatizar abertamente com a biografada no decorrer das páginas até afirmarem, eloquentemente, no último parágrafo que:

Los litigios judiciales, las traiciones políticas y las rupturas familiares debido a disensos económicos le consumieron la vida. Terminó sus días en París (1886), la ciudad que la acogió tantas veces en su vida. Sus restos hoy descansan (desde 1975) en la misma ciudad donde la recibieron sus *kygua vera* con vivas, la misma tierra donde enterró a tres de sus hijos, una sociedad que aún no comprende la pasión de una irlandesa tan humana que no es ni heroína ni reina ni ramera (SOTO VERA; FERRARO, 2020, p. 80).

Através desta nova biografia, Lynch reaparece mais humana, como uma mulher que amou e sofreu, que transitou por diversos espaços sociais, políticos e nacionais, mas que por muito tempo foi enxergada a partir de dicotomias que a reduziam ao âmbito privado. Ao resgatarem a Elisa Lynch apaixonada, as autoras denunciam que o ato de amar, tido como privado, na verdade, é um ato público e, por tanto, político. As sucessivas ações da irlandesa – cuidar dos filhos próprios e alheios, participar nos eventos sociais de Assunção, acompanhar a López até sua morte, reclamar a herança da família – mostram a vida silenciada pelas fontes oficiais porque assim era estabelecido pela sociedade oitocentista. Porém, ela surge em outras fontes fundamentais como seus manuscritos, timidamente considerados pelas autoras.

Por sua parte, Neri Farina prefere deixar o leitor tirar suas próprias conclusões ao ler a extensa lista de mulheres e filhos de López, sem uma narrativa

explicativa. A vida “privada” do biografado é apenas um apêndice do texto que, porém, serve para pôr em evidência a sua crueldade quando o autor informa o fim que levaram seus parentes, alguns distantes, outros muito próximos. O biógrafo deixa atrás o contorcionismo das citações de terceiros para evitar as controvérsias e se submerge corajosamente numa crítica severa ao herói paraguaio, cuja vida pessoal pouco se diferenciava da vida do homem público.

Considerações finais

As biografias de Francisco Solano López e de Elisa Alicia Lynch consideradas neste artigo são parte de um mesmo projeto editorial que busca atualizar e difundir as histórias de vida de dois personagens centrais da história nacional paraguaia, na tentativa de superar velhos estigmas. Entrelaçados afetiva e historicamente, López e Lynch não possuem igual peso político e simbólico no panteão dos heróis nacionais do Paraguai. Em grande medida, isso se deve ao modo em que foram heroicizados e à questão de gênero.

A presença de uma nova Coleção que inclui López e Lynch acusa a necessidade de atualizar suas biografias. Contudo, a cuidadosa escolha dos autores evidencia que, apesar do tempo transcorrido desde a desapareição física dos biografados, escrever sobre a vida de ambos continua sendo uma tarefa difícil.

A consagração de López como principal herói nacional foi resultado da ação dos revisionistas paraguaios que, após 1936, venceram a batalha contra os detratores do marechal. Junto a ele, foi necessária a reivindicação da sua companheira estrangeira, muito vilipendiada devido aos diversos formatos que a xenofobia e a misoginia foi adotando ao longo dos séculos XIX e XX.

Hoje é possível afirmar que esses dois personagens têm seu lugar consagrado na liturgia patriótica paraguaia. Por isso, a escolha dos biógrafos para esta nova Coleção teve um cuidado redobrado. Farina, Soto Vera e Ferraro preocuparam-se meticulosamente em evitar – na medida em que era possível – os pontos polêmicos de algumas biografias que ora exaltavam, ora demonizavam os dois personagens.

A escolha de um escritor homem consagrado das letras paraguaias para biografar López e de duas jovens mulheres historiadoras para escrever sobre Lynch pode vir a reforçar o paradigma baseado em questões de gênero. Provavelmente, a escolha por parte do organizador da Coleção, Herib Caballero Campos, tenha sido uma estratégia para evitar o máximo possível de reclamações por parte de um público ainda permeado pela polêmica em torno dos biografados. Mas, sem dúvida, a visibilização do protagonismo das mulheres na história coube aos estudos de gênero empreendidos por pesquisadoras. Por tanto, Elisa Alicia Lynch devia ser biografada por mulheres capazes de identificar que o confinamento das mulheres do século XIX ao âmbito privado respondia às normas de uma sociedade patriarcal, católica, conservadora.

A tarefa dos autores partiu de bases documentais e literárias muito diferentes. Enquanto a documentação oficial sobre López – bem como a literatura sobre ele – é abundante, ainda é difícil consultar uma documentação detalhada sobre a vida de Lynch. Porém, chama a atenção a continuidade de, por um lado, o homem López ser biografado a partir de sua vida pública; enquanto a mulher Lynch é analisada mais a partir da esfera privada. Porém, nem Farina desconhece a vida privada de López, nem Soto Vera e Ferraro ignoram a participação de Lynch na vida pública. Os autores mantêm a diferenciação das duas esferas apenas para mostrar que, no caso de figuras heroicizadas, o privado é público e, por tanto, político.

Apesar do cuidado meticuloso para evitar as tradicionais disputas em torno desses personagens, Neri Farina não deixa de denunciar a perversidade de López a partir de 1868, enquanto que Soto Vera e Ferraro saem em defesa de Lynch como uma mulher sensível que amou. Muitos aspectos continuam nas sombras; muitas perguntas continuam sem respostas à espera de novas pesquisas. A empreitada de publicar biografias breves e acessíveis dos heróis da Guerra Guasu para um público amplo, deixando atrás as tradicionais dicotomias, resultou em um esforço legítimo para dar a conhecer histórias de vida atualizadas de López e de Lynch.



A Coleção foi publicada em um momento em que, segundo Han, imperam as *storytelling* e o efêmero. Cabe o questionamento e a necessidade de responder ao porquê dessa Coleção nesse contexto. Uma resposta provisória pode estar vinculada à permanência do imperativo de continuar fortalecendo as biografias dos chamados heróis nacionais para continuar reforçando uma biografia nacional da “Pátria” paraguaia que continue outorgando identidade à Nação.

Referências

ABOIM, Sofia. Do público e do privado: uma perspectiva de gênero sobre uma dicotomia moderna. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 20 (1): 344, jan-abril/2012, pp. 95-117. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/So104-026X2012000100006>>.

ALENCAR, Ivanilde Baracho. *Romanceiro de Elisa Lynch e Solano López: A Guerra do Paraguai*. Campinas, SP: Komedi, 2013.

ASSOCIACIÓN de Academias de la Lengua Española. Bernardo Neri Farina. Disponível em: <Bernardo Neri Farina | Académico | Asociación de Academias de la Lengua Española (asale.org)>. Acesso em 19/05/2024.

BAPTISTA, Fernando. *Elisa Lynch: mulher do mundo e da guerra*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2007.

BARRET, Willian E. *Uma amazona: la apasionante biografía de madame Lynch y Solano López*. Asunción, Paraguay: Servilibro, 2009.

BARRETO VALINOTTI, Ana. *Elisa Alicia Lynch*. Asunción-Paraguay: El Lector, 2011.

_____. *La conspiración en tiempos de la Guerra Guasu*. Asunción: Grupo Editorial Atlas, 2021 (Colección Conspiraciones y política).

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de; AMADO, Janaína (Org.). *Os usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2006, p. 183-191.

BRAY, Arturo. *Solano López: soldado de la gloria y del infortunio*. 3. ed. Asunción-Paraguay: Carlos Schauman Editor, 1984.

BREZZO, Liliana. *Juan O’Leary*. El Paraguay convertido en acero de pluma. Assunção: El Lector/ABC Color, 2011.

_____. El historiador y el general: imposiciones y disensos en torno a la interpretación pública de la historia en Paraguay. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* (on line desde 03 dic 2014). Disponível em: <<https://journals.openedition.org/nuevomundo/67479>>. Acesso em: 20/08/2025.

CAPDEVILA, Luc. La Guerra de la Triple Alianza (1865-1870) y la Guerra del Chaco (1932-1935). Dos guerras internacionales en un marco colonial. *Corpus*, v. 5, n. 1, 29 jun 2015. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/corpusarchivos/1399>>. Acesso em: 23 ago 2024.

CAWTHORNE, Nigel. *Uma nova história da guerra do Paraguai: Solano López e a imperatriz da América do Sul*. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2015.

DECOUD, Héctor. *Elisa Lynch de Quatrefages*. Buenos Aires: Cervantes, 1939.

DOCKHORN, Vera Lúcia Nowotny; SQUINELO, Ana Paula. *Oficinas de História: Temas para o ensino da Guerra do Paraguai - sujeitos, cotidiano e Mato Grosso*. Cuiabá: EdUFMT, 2021.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra: Nova história da Guerra do Paraguai*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DOSSE, François. *O Desafio Biográfico*. Escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2009.

FARINA NERI, Bernardo. *Francisco Solano López. El sino trágico*. Assunção: Atlas, 2020.

GOMES, Carlos de Oliveira. *A solidão segundo Solano López*. São Paulo: Círculo do Livro, 1982.

GRAHAM, Robert Bontine Cunninghame. *Retrato de un Dictador – Francisco Solano Lopez (Paraguay 1865-1870)*. Buenos Aires: Editora Inter-Americana, 1943.

HAN, Byung-Chul. *La crisis de la narración*. Buenos Aires: Herder, 2023 (Trad. de Alberto Círia).

LE GOFF, Jacques. *São Luís. Biografia*. Trad. de Marcos de Castro. Rio de Janeiro-São Paulo: Record, 1999.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de; AMADO, Janaina. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2002, p.168-169.

LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma História Política*. Trad. Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

LILLIS, Michael; FANNING, Ronan. *Calúnia: Elisa Lynch e a Guerra do Paraguai*. [tradução do inglês Marisa Paro; tradução do espanhol Silvana Cabucci Leite]. 1. ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.

_____. *Calumnias* – la historia de Elisa Lynch y la Guerra de la Triple Alianza. Asunción-Paraguay: Taurus, 2009.

MAGARIÑOS, Alejo. Tras los fantasmas de la Guerra: mitos, leyendas y incertezas históricas en la representación audiovisual de la Guerra Guasú. In: SQUINELO, Ana Paula; TELESKA, Ignacio (Orgs). *150 Anos Após – A Guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai*. Campo Grande-MS: Ed. Life, 2019, p. 381-402. (vol. 3)

MOLLER OKIN, Susan. Gênero, o público e o privado. *Estudos Feministas* 16 (2): 440, maio-agosto/2008, pp. 305-332. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/4MBhqfxYMpPPPkqQNqjd5hB/?format=html&lang=pt>>.

MOREIRA, Luiz Felipe Viel; QUINTEROS, Marcela Cristina. A difusão e consolidação da interpretação revisionista da Guerra do Paraguai na América Latina. In: SQUINELO, Ana Paula. *150 Anos Após – A Guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai*. Campo Grande, MS, Ed. UFMS, 2016, p. 71-107. (vol. 1)

NERI FARINA, Bernardo. *Francisco Solano López*. El sino trágico. Assunção: Atlas/Última Hora, 2020.

PLÁ, Josefina. *La gran infortunada: Alicia Elisa Lynch*. Asunción-Paraguay: Criterio Ediciones, 2007.

QUINTEROS, Marcela Cristina. *Juan Natalicio González (1897-1966): um intelectual plural*. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2017.

ROA BASTOS, Augusto. El fiscal. In: NERI FARINA, Bernardo. *Francisco Solano López*. El sino trágico. Assunção: Atlas/Última Hora, 2020, p. 3.

SAEGER, James Schofield. *Francisco López and the ruination of Paraguay: honor and egocentrism*. Estados Unidos da América: Rowman & Littlefield Publishers, Inc, 2007.

SANCHES, Toni Carlos. *A Guerra do Chaco (1932-1935) e o ensino de história: uma proposta de aulas-oficina para análise da história, cotidiano militar e sujeitos invisibilizados*. Dissertação. Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória). Cuiabá, Universidade Federal de Mato Grosso, 2022.

SANSÓN CORBO, Tomás. La historiografía uruguaya sobre la Guerra de la Triple Alianza. Trayectos, tradiciones, ¿resignificaciones? *Diálogos*, v. 19, n. 3, p. 955-979, set./dez. 2015.

SCATENA FRANCO, Stella Maris. *Peregrinas de Outrora*. Viajantes latino-americanas no século XIX. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EUNISC, 2008, p.63.

SOSA, Estela Mary. *El papel de las mujeres paraguayas en la Guerra del Chaco (1932-1935)*. Relaciones de Género en contexto bélico. Paraguay: Editorial Universitaria, 2023.

SOLER, Lorena; QUINTEROS, Marcela Cristina. O stronismo: uma gestão autoritária bem-sucedida. In: QUINTEROS, Marcela Cristina; MOREIRA, Luiz Felipe Viel. *As Revoluções na América Latina Contemporânea*. Entre o ciclo revolucionário e as democracias restringidas. Maringá: UEM-PPH; Medellín: Pulso & Letra, 2017.

SOUSA, Fábio Ribeiro de. Muero com mi pátria: reconstituição e monumentalização histórica da Guerra do Paraguai no cinema paraguaio. In: SQUINELO, Ana Paula. *150 Anos Após – A Guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai*. Campo Grande, MS, Ed. UFMS, 2016, p. 109-134. (vol. 2)

SQUINELO, Ana Paula. Alma del Brasil: la Guerra del Paraguay en la producción cinematográfica brasileña. In: Juan Manuel Casal; Thomas Whigham. (Org.). *Paraguay: investigaciones de historia social e política II: estudios em homenaje a Jerry W. Cooney*. 1ed. Asunción: Editorial Tiempo de Historia, 2015, p. 305-320 (vol. 1)

_____. O Paraguai como o Outro Demonizado: aproximações e distanciamentos estéticos na produção cinematográfica brasileira. In: GOMES, Aguinaldo Rodrigues; MENEZES, Marcos Antônio; GONZÁLEZ, José Marín. (Org.). *Novas epistemes e narrativas contemporâneas*. 1. ed. Campo Grande: Life, 2017, v. 1, p. 183-200.

SILVA, Natania Neres da. *Injúrias, ressentimentos e glórias: usos políticos de biografias na construção da memória de Elisa Lynch*. (Dissertação) São Paulo: USP, 2019.

_____. Elisa Lynch como heroína nacional no stronismo: Representações de gênero, domesticidade e sufragismo. *Diálogos*, 24 (3), 198-220. Disponível em: <<https://doi.org/10.4025/dialogos.v24i3.56669>>. Acesso em 20 ago 2025.

ÚLTIMA HORA. Filme sobre Madame Lynch se estreará em Irlanda em febrero, *Última Hora*, Asunción, Paraguay: 18 Dez 2013. Disponível em: <<https://www.ultimahora.com/filme-madame-lynch-se-estrenara-irlanda-febrero-n751032>>. Acesso em: 04/05/2024.

_____. La colección Protagonistas de la Guerra Guasu llega mañana con ÚH, 01 Maio 2020. Disponível em: <La colección Protagonistas de la Guerra Guasu llega mañana con ÚH - Última Hora | Noticias de Paraguay y el mundo, las 24 horas. Noticias nacionales e internacionales, deportes, política. Noticias de último momento. (ultimahora.com)>. Acesso em: 19/05/2024.

VARELA, Héctor Florencio. *Elisa Lynch por Orión*. Buenos Aires: 1870.